

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 11 - Um compromisso assumido

Neemias 10 e 11

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Ouvintes irmãos e amigos, mais uma vez podemos estar juntos para meditar na Bíblia, buscando o que através do seu estudo devemos ouvir para a nossa vida. Continuamos revisitando o relato da restauração de Israel após o exílio, com o livro de Neemias capítulos 10 e 11.

O capítulo dez encerra o episódio considerado no nosso encontro anterior, quando após uma cuidadosa e emotiva leitura da Lei de Moisés, o povo, em unanimidade total, assina um pacto de fidelidade a Deus se comprometendo com a obediência irrestrita à Lei.

O capítulo onze nos apresenta mais uma lista de nomes, um censo dos habitantes tanto de Jerusalém (v.4-19), como dos vilarejos do interior de Israel, (v.20-35). Houve a preocupação de que os levitas - responsáveis pelo cuidado espiritual do povo - estivessem espalhados tanto pelos territórios da tribo de Judá, como da de Benjamim, não deixando que nenhuma área ficasse desassistida (v.36).

No entanto, os primeiros 2 versos desse capítulo merecem uma atenção maior. Eles nos indicam com clareza a real situação de Jerusalém durante o processo de restauração. Ela era uma cidade de poucos habitantes fixos. Destruída, desestruturada, insegura, lugar de encontro, e até talvez de esconderijo de pessoas no mínimo descomprometidas com ela. As famílias não se sentiam atraídas a fazer da cidade a sua moradia permanente. Como vimos em outros textos, os que retornavam voltaram para as vilas e regiões onde suas famílias residiam antes do exílio (Ed 2.70). Jerusalém era o local dos ajuntamentos nacionais, das celebrações religiosas, mas não era ainda a residência fixa de muitos, além dos príncipes do povo (Ne 11.1). Essa situação é então corrigida, através de uma convocação compulsória para se mudar

para a cidade. Nós nos acostumamos com tudo gravitando em torno das grandes cidades, que atraem as pessoas, mesmo para viverem em condições subumanas de habitação. Arregimentar habitantes para morar na cidade nos parece estranho. Mas Judá da restauração era uma economia predominantemente agrária. As famílias viviam da atividade rural, e a cidade não tinha o que oferecer como meio de sobrevivência. Ainda mais, lembrando que muitos dos exilados permaneceram na Babilônia, tendemos a pensar que os mais bem sucedidos lá ficaram, exatamente aqueles que agora fazem falta para reconstituir a vida econômica e social da capital. Assim, de cada dez habitantes, um é sorteado para se mudar para Jerusalém. Este é o tipo de sorteio inverso, onde não se deseja ser escolhido e então bds aqueles que se voluntariam a morar na cidade são aplaudidos pela decisão (11.2).

O relato bíblico vai assim fechando o processo de restauração, permitindo-nos refletir sobre as conseqüências e o significado dessa quadra da história de Israel.

Antes, porém, vamos nos voltar por um instante para o livro de Malaquias, o terceiro dos profetas que ministram no período da restauração.

O que podemos deduzir do contexto desse “Mensageiro do Senhor” – e esse é o significado do nome Malaquias – indica que seu ministério se desenvolveu em uma época onde o templo já está reconstruído e as atividades religiosas e sociais estão em uma rotina de normalidade. Isso se enquadra bem na Jerusalém repovoada, que reconquista seu status de capital dos judeus.

Viver o cotidiano, sem a emoção dos grandes acontecimentos que marcam a história, vai produzindo uma apatia espiritual. O ardor se apaga, a motivação

vai sendo esquecida, e em suma o primeiro amor é abandonado (Ap.2.4). É contra essa situação que Malaquias se levanta para apontar as atitudes incorretas que se disseminam em Israel:

1. O povo questionava o amor de Deus (1.2); Sua honra e grandeza (1.14, 2.2); Sua justiça (2.17); e Seu caráter (3.13-15).
2. O dízimo não era seguido (3.8) e animais oferecidos em sacrifício eram defeituosos (1.8).
3. A feitiçaria, o adultério, o perjúrio, a fraude e a opressão ao pobre eram encontrados entre o povo (3.5).
4. O divórcio, com o abandono da esposa e novo casamento se tornou norma (2.14).

Em um quadro como esse, o profeta anuncia **“o dia grande e terrível do Senhor”** (4.5), mas junto com essa condenação apresenta também a esperança, uma nova esperança de Deus que não se esquece e não se cansa dos seus: **“Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.”** (4.5-6). A restauração do pós exílio não é ainda a restauração final. É um jornada dentro de outra maior, que virá a se completar com o Messias. E ao trazer a promessa messiânica nós nos apercebemos da importância e da beleza desse período de restauração de Israel que estamos revendo: todo o contexto religioso, cultural, social e de espaço físico onde Jesus desenvolve o seu ministério foi estruturado nesse período que estamos estudando. Os aspectos enfatizados nas missões de Zorobabel e Jesua, Esdras e Neemias vão moldar a nação judaica restaurada e vão prevalecer, quase sem alteração, para os próximos 500 anos. A centralidade da vida religiosa no templo de Jerusalém; a cidade como a expressão maior da civilização judaica; a ênfase absoluta no **“buscar, cumprir e ensinar a lei do Senhor”**; a função vital do sacerdote e do escriba

conduzindo a vida religiosa; e até a rejeição dos estrangeiros e dos samaritanos em particular, são as mesmas no tempo de Jesus como na restauração. Os restauradores, enquanto vivendo, com certeza não se aperceberam dessa importância e dessa longevidade de suas ações, mas eles estavam fazendo o que entenderam como vontade de Deus para o seu tempo, e cumprindo o propósito divino, preparam o palco para a grande intervenção de Deus, ainda que ela venha a ocorrer tão mais adiante na história. Entre a restauração e Jesus os judeus terão de se sujeitar ao domínio de macedônios, gregos e romanos. Terão que resistir a alguém que se chamou Antíoco Epifânio e que colocou no seu coração destruir a civilização judaica, por achá-la arcaica e incompatível com a superioridade de sua cultura grega. Mas, as bases dessa restauração resistem. O pequeno rebanho não se dobra e a espera pela promessa continua alimentando expectativas. Assim, sem nos percebermos já pulamos da restauração para os evangelhos. E isso é tema para outra oportunidade.

Ficamos por aqui, agradecidos a Deus de poder contar com sua continua atenção.